



As figuras na argumentação: o caso do debate eleitoral de 2018

The Figures in Argumentation: the Case of the 2018 Electoral Debate

Renan Mazzola

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

mazzola.renan@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4124-3522>

João Kogawa

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, São Paulo / Brasil

kogawa@unifesp.br

<https://orcid.org/0000-0001-8285-9932>

Resumo: Neste trabalho, analisamos as figuras de retórica que equipam a argumentação de seis candidatos à presidência da república no contexto dos debates pré-eleitorais da corrida presidencial de 2018. Partimos da hipótese de que as figuras (*ornatos*, em latim) não são somente enfeites da linguagem, mas verdadeiros equipamentos de persuasão. Elaboramos, para este fim, três perguntas de pesquisa: a) como as figuras equipam a linguagem? b) de que forma as figuras podem construir a persuasão no discurso deliberativo político? c) como as figuras integram tipos de argumentos para equipá-los? Fundamentamos nossa pesquisa nos domínios da retórica, da argumentação e do discurso, particularmente nas obras de Aristóteles (2013), Barthes (2001), Perelman e Tyteca (2014), Fiorin (2020), Plantin (2008), Amossy (2020), Abreu (2009), Ferreira (2015) e Courtine (1990). Metodologicamente, a pesquisa possui caráter bibliográfico-documental, de natureza descritiva e explicativa. Nosso *corpus* é composto por recortes dos discursos dos seis candidatos à república no debate pré-eleitoral televisionado da RedeTV, realizado em 17 de agosto de 2018 e disponível no canal da emissora na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube. No que se refere aos resultados, demonstramos que a presença de determinadas figuras de retórica – como a metáfora, a metonímia, a personificação, a comparação, etc. – contribuíram para a intensificação da argumentação desses candidatos, aumentando a eficácia dos argumentos e, conseqüentemente, contribuindo para a adesão dos espíritos.

Palavras-chave: retórica; argumentação; debate; persuasão; polêmica.

Abstract: In this paper, we analyze the rhetorical figures that equip the arguments of six candidates for the presidency of the republic in the context of the pre-electoral debates of the 2018 presidential race. We assume that figures are not only ornaments of language, but real persuasion equipment. For this purpose, we developed three research questions: a) how do figures equip language? b) how can figures build persuasion in deliberative political discourse? c) how do figures integrate argument types to equip them? We base our research in the domains of rhetoric, argumentation and discourse, particularly in the works of Aristotle (2013), Barthes (2001), Perelman and Tyteca (2014), Fiorin (2020), Plantin (2008), Amossy (2020), Abreu (2009), Ferreira (2015) and Courtine (1990). Methodologically, the research has a bibliographic-documental character, of a descriptive and explanatory nature. Our corpus is composed of excerpts from the speeches of the six candidates for the republic in the televised pre-election debate on RedeTV, held on August 17, 2018 and available on the video sharing platform Youtube. With regard to the results, we demonstrate that the presence of certain figures of rhetoric - such as metaphor, metonymy, personification, comparison, etc. - contributed to the intensification of the arguments of these candidates, increasing the effectiveness of the arguments and, consequently, contributing to the adhesion of spirits.

Keywords: rhetoric; argumentation; debate; persuasion; controversy.

Recebido em 14 de setembro de 2021

Aceito em 12 de dezembro de 2021

1 Introdução

A retórica surgiu na Antiguidade grega em meados do século V a.C. Esta retórica – cuja sistematização se deve principalmente a Aristóteles – dissolve-se gradualmente em função de algumas restrições que sofre ao longo da história, até enfraquecer-se completamente no mesmo momento em que a Europa assistia ao nascimento da Linguística Moderna, com o *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure (2002). O edifício retórico era construído, na Antiguidade, a partir de quatro etapas, e estas etapas constituíam seu sistema: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *actio*. A partir da Idade Média, passando pelo Classicismo até o século XIX, os estudos retóricos restringiram-se gradualmente à etapa

da *elocutio* (elocução), privilegiando a investigação sobre as figuras da linguagem. Isso fez com que a retórica fosse assemelhada à tropologia. As figuras de linguagem eram estudadas sobretudo no âmbito da estilística e da versificação, e sua inscrição nesses campos constrói a ideia de que as figuras são elementos de “enfeite” apenas.

Para nosso trabalho, partimos da hipótese de que as figuras (*ornatos*, em latim) não são somente enfeites da linguagem, mas verdadeiros equipamentos de persuasão, contribuindo para a efetividade da argumentação. Essa questão é encontrada em Fiorin (2020, p. 27):

Começamos por entender o significado de *ornatos* em latim: O *ornatos* latino corresponde ao grego *kósmos*, que é o contrário de caos. *Ornamentum* significa “aparelho, tralha, equipamento, arreios, coleira, armadura”. Só depois que quer dizer “insígnia, distinção honorífica, enfeite”. No *De Bello Gallico*, deve-se traduzir a passagem *naves [...] omni genere armorum ornatissimae* (III, XIV, 2) como “navios equipadíssimos de todo tipo de armas”.

Considerando, então, as figuras como “equipamentos” e não apenas como “enfeites”, elaboramos as seguintes perguntas de pesquisa: a) como as figuras equipam a linguagem? b) de que forma as figuras podem construir a persuasão no discurso deliberativo político? c) como as figuras integram tipos de argumentos para equipá-los? Orientados por essas questões, propomos uma análise de figuras que equiparam a argumentação no contexto de debates pré-eleitorais na corrida presidencial de 2018.

Os debates pré-eleitorais constituem um gênero discursivo produtivo para o estudo dos discursos argumentativos, pois neles os candidatos assumem papéis, como o de Proponente (P) e o de Oponente (O). Nesses debates televisionados, existe também o papel do Terceiro (T), segundo o modelo dialogal da argumentação de Plantin (2008), essencial para a constituição das estratégias de argumentação de cada uma das partes.

Para Amossy (2020, p. 224), “De Aristóteles a Quintiliano, da *Retórica* a *Herennius*, ou a Cícero, considera-se que as figuras contribuem para conquistar a adesão do auditório.” As figuras, nesse sentido, são ferramentas que podem promover a adesão se bem utilizadas, adequadas ao auditório, ao contexto, às formas de acordo e ao tom do discurso.

Roman Jakobson, na tradição da linguística moderna – em sua obra *Essais de linguistique générale* (1963) – associa os eixos

paradigmáticos e sintagmáticos saussureanos aos processos metafóricos e metonímicos, respectivamente, em uma tentativa de descrever os processos mentais fundamentais que são a similaridade e a contiguidade. (FIORIN, 2020).

O *corpus* mais amplo de nosso trabalho constitui-se dos cinco debates realizados pelas emissoras de tevê brasileiras antes do primeiro turno das eleições. Selecionaremos, para este estudo, os trechos do debate realizado pela RedeTv em 17 de agosto de 2018 (cf. REDETV, 2018). Nesses trechos, focalizaremos os argumentos compostos por figuras de linguagem.

Fundamentamos nossa pesquisa nos domínios da retórica, da argumentação e do discurso. No que concerne aos princípios de retórica e à sua história, recorreremos à *Retórica* de Aristóteles (2013) e à “Antiga retórica” de Barthes (2001). Com relação aos tipos de argumentos, recorreremos principalmente ao *Tratado da argumentação* de Perelman e Tyteca (2014). No que diz respeito às figuras, fundamentamo-nos mais fortemente na obra *Figuras de retórica*, de Fiorin (2020). Outras obras da área, ainda, são mobilizadas neste artigo como as de Plantin (2008), Amossy (2020), Abreu (2009) e Ferreira (2015).

A pesquisa possui caráter bibliográfico-documental, de natureza descritiva e explicativa, uma vez que objetiva selecionar, recortar, descrever e analisar os dados, com base em referenciais teórico-metodológicos dos campos da retórica, da argumentação e do discurso. Com relação às fontes, o presente artigo trabalhará com fontes diretas – o *corpus* propriamente dito – derivado de documentos audiovisuais compostos por enunciados políticos que circulam nos grandes portais de notícia brasileiros e em plataformas de compartilhamento de vídeos. No que se refere aos resultados, a pesquisa trabalhará com a perspectiva qualitativa, realizando análises sobre estruturas linguístico-discursivas atreladas aos mecanismos retóricos e argumentativos.

Este artigo é dividido em seis partes, além desta introdução e das considerações finais: a primeira parte, intitulada “As figuras na história dos estudos retóricos”, trata do lugar ocupado pelo estudo das figuras ao longo do nascimento, do desenvolvimento, do enfraquecimento e do renascimento dos estudos retóricos. A segunda parte, intitulada “A nova retórica”, apresenta a obra de Perelman e Tyteca e a maneira pela qual eles abordam as figuras. A terceira, intitulada “O modelo dialógico da argumentação” apresenta os papéis actanciais dos discursos

argumentativos, especialmente no gênero debate televisionado. A quarta parte, intitulada “Mutações do discurso político: o espetáculo digital”, discute as mudanças observadas pelo discurso político em função da popularização dos meios de comunicação de massa. A quinta parte, intitulada “Contornos do debate pré-eleitoral de 2018”, apresenta o contexto em que ocorreram os últimos debates presidenciais antes das eleições. A última parte, intitulada “Análises: as figuras como equipamentos de persuasão”, expõe o resultado de nossas análises sobre o *corpus*.

2 As figuras na história dos estudos retóricos

As figuras de retórica observaram um movimento cíclico durante o passar dos tempos. Para Amossy (2020, p. 224), “se, durante a Antiguidade, as figuras parecem indissociáveis da atividade da persuasão, o mesmo não acontece necessariamente nos períodos seguintes.”

Em Aristóteles, em Quintiliano e em Cícero “considera-se que as figuras contribuem para conquistar a adesão do auditório.” (AMOSSY, 2020, p. 224). A partir do Classicismo até o século XX, como dissemos, o campo da retórica foi gradativamente reduzindo-se ao estudo da *elocutio* e, a partir daí, ao estudo das figuras. Para Amossy (2020, p. 224), “o desvio que se opera pouco a pouco se efetua em duas direções essenciais, já presentes nos tratados antigos, mas que se tornam predominantes na idade clássica: a orientação patêmica (...) e a orientação ornamental.” De um lado, existe um movimento que liga as figuras às paixões e, de outro, aquele que enxerga nas figuras um efeito de estilo, de ornamentação.

A segunda direção – da ornamentação – foi responsável por fazer surgir a ideia de figuras como “enfeites” da linguagem. Para Amossy (2020, p. 226), “a valorização de procedimentos estilísticos exclusivamente ligados à estética e à emoção tem contribuído, tanto quanto o viés ornamental, para desacreditar as figuras na argumentação.”

É nessa perspectiva que os “enfeites” da linguagem passam a prejudicar a argumentação, pois a) estimulando as emoções passam a ser vistas como estratégias de manipulação; b) chamando a atenção para os ornamentos desvia-se das questões essenciais; c) ocupando-se dos floreios e estimulando a verbosidade afastar-se-ia da objetividade; d) manifesta muitas vezes a ambiguidade.

No momento da aparição do *Curso de linguística Geral* (SAUSSURE, 2002), a retórica apresenta já um enfraquecimento geral na sociedade e nas instituições de ensino. Esse declínio é sustentado por vários fatores, como o nascimento do positivismo científico e a proclamação do Estado laico na Europa. A retórica, que nesse momento fornecia os paradigmas para a *Ratio Studiorum* – o método de ensino jesuíta – e tinha a língua latina como modelo das práticas de ensino e das cerimônias religiosas, sofreu por isso um largo desprezo. Fiorin (2020, p. 12) acrescenta também outros fatores:

Em primeiro lugar, a definição de um ideal de transparência, objetividade e neutralidade do discurso científico com base na concepção de que a linguagem representa a realidade, o que é incompatível com o princípio da antítonia de que a cada discurso corresponde outro discurso, produzido por outro ponto de vista, o que significa que o discurso constrói a maneira como vemos a realidade. Em oposição a essa primeira condição discursiva de declínio da retórica, surge um ideal paradoxalmente contrário para o discurso literário, o de originalidade, individualidade e subjetividade, o que conflitua com a ideia de um estoque de lugares comuns e de procedimentos à disposição do escritor. [...]

Deixando de lado o ideal aristotélico da relação causal entre retórica, exercício da virtude e compromisso com a verdade, os estudos retóricos vão, assim, reduzindo-se ao estudo das figuras, e mais particularmente ao estudo dos tropos. Os tropos são constituídos pelas figuras de desvio, e por isso constituem um grupo particular no interior de todo o conjunto das figuras de retórica. Essas figuras de palavras manifestam desvios, impropriedades e impertinências semânticas: as melhores representantes dos tropos são a metáfora e a metonímia.

[...] muitos autores começam a fazer uma distinção no que era um conjunto indissociável: de um lado, havia uma teoria da argumentação, que levava em conta as operações da invenção e da disposição, onde estariam os elementos destinados a convencer e a persuadir (a *topologia*); de outro, havia uma teoria das figuras, que se ocupava da elocução (a *tropologia*, a teoria dos tropos). (FIORIN, 2020, p. 25, grifo do autor.)

Desde o Classicismo até o nascimento da Linguística Moderna – período que compreende o final do séc. XIX e início do séc. XX –, foram produzidas inúmeras obras classificatórias das figuras de linguagem. Para Fiorin (2020, p. 28, grifo do autor), “a retórica que se dedicou a estudar apenas as figuras, abandonando o exame da dimensão argumentativa, considerou os tropos, que indicam uma mudança de sentido, como uma classe de *figuras*.” Para Barthes (2001, p. 95, grifos do autor), “a Retórica, em sua parte elocutória, é um quadro de *desvios* da linguagem. Desde a Antiguidade, as expressões metarretóricas que atestam essa crença são inúmeras: na *elocutio* (terreno das figuras), as palavras são ‘*transportadas*’, ‘*desviadas*’, ‘*afastadas*’ para longe de seu *habitat* normal, familiar.”

Consideramos, porém, que as figuras não são meros “enfeites” da linguagem, como afirmam alguns tratados de versificação, mas sim “equipamentos argumentativos” que asseguram a efetividade dos discursos persuasivos com vistas à adesão dos espíritos. Dessa forma, a perspectiva da Nova Retórica, com o *Tratado da argumentação*, resgata a articulação um tanto adormecida entre argumentação e figuras. Amossy, em *A argumentação no discurso*, retoma também a associação entre argumentatividade e figuralidade em sua obra. Fiorin, em *Figuras de retórica*, estuda o valor argumentativo das figuras de linguagem, encarando-as como figuras de retórica.

3 A nova retórica

No final dos anos 1950, como sabemos, ocorreu a aparição das ideias da Nova Retórica, manifestas no *Traité de l’argumentation: la nouvelle rhétorique* (2014), obra de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, publicada na Bélgica. Essa obra convocou uma renovação dos estudos retóricos no Ocidente, sobretudo em função do retorno das discussões sobre a relatividade da verdade nas ciências humanas e sociais. Essa retórica não deixa também de ser, em alguma medida, redutiva. Trata-se de estudar sobretudo a *inventio*, isto é, os tipos de argumentos (os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real e as ligações que fundamentam a estrutura do real) que possibilitam a adesão dos espíritos e sua consequente persuasão.

Para Plantin (2008, p. 48), “uma contribuição essencial do *Tratado* é seu inventário das formas argumentativas. Ali encontramos, para começar, um conteúdo de descrição empírica incomparável: ‘mais

de oitenta tipos de argumentos e observações esclarecedoras sobre a função argumentativa de mais de sessenta e cinco figuras.”.

O *Tratado* possui certamente alguns avanços e também alguns recuos com relação à Retórica Antiga, sistematizada por Aristóteles. Entre os avanços, preocupa-se com o “auditório universal” e com a modalidade escrita por meio da qual irão se manifestar as técnicas argumentativas. Entre os recuos, podemos dizer que a mediação linguística é por vezes esquecida e que o gesto e a voz (*actio*) passam a ocupar um segundo plano na obra perelmaniana, uma vez que a preocupação recai sobre os lugares e os argumentos (*inventio*).

O *Tratado da argumentação* é algo como uma *Nova Retórica*?
Sim, na medida em que ele faz contínuas referências aos retóricos antigos e clássicos. Não, pois o gesto e a voz estão excluídos de seu campo e os afetos não recebem tratamento específico algum.
(PLANTIN, 2008, p. 47.)

Com relação ao estudo das figuras, o *Tratado* resgata o papel argumentativo da figuralidade persuasiva. Para Amossy (2020, p. 227), “a nova retórica se afasta radicalmente dessa visão baseada no ornamento, no *páthos* ou na dissimulação, para retornar ao caráter argumentativo das figuras e desenvolver todas as suas consequências.” Para Perelman e Tyteca (2014), negligenciar o caráter argumentativo das figuras significa construir listas de construções rebuscadas com nomes estranhos.

Para Amossy (2020, p. 227-228), os autores do *Tratado* consideram que “há figura quando há uma estrutura reconhecida e um distanciamento quanto à maneira usual de se expressar.” Vemos aqui uma definição importante da manifestação das figuras retóricas no discurso, isto é, há figura quando alguns termos se apresentam em seu uso não previsto.

Nos estudos de argumentação, encontramos com frequência algumas questões colocadas sobre as figuras: 1) em primeiro lugar, se as figuras de estilo são necessariamente retóricas, ou, em outras palavras, se há a divisão entre conjuntos retóricos e não retóricos das figuras; 2) em segundo lugar, se as figuras integram os argumentos ou se constituem o próprio argumento, ou, em outras palavras, se há a divisão entre conjuntos de figuras que facilitam o argumento e de figuras argumentativas, que constituem o próprio argumento. Essas questões são importantes, embora revelem a complexidade da manifestação das figuras de linguagem. Partiremos do princípio de que o contexto pode fornecer elementos para auxiliar o pesquisador a encarar determinada figura como influenciadora do argumento ou como o próprio argumento.

4 O modelo dialogal da argumentação

O gênero retórico que ora analisamos – o debate pré-eleitoral televisionado – é particularmente exemplar para visualizar o modelo dialogal da argumentação proposto por Plantin (2008). Nesse gênero, observamos os oradores em presença física e a necessidade de confrontar um adversário perante um auditório telespectador e perante jornalistas. Embora o orador tenha como interlocutor ora os telespectadores, ora os jornalistas presentes, ora os outros candidatos, entendemos que o auditório real desses oradores é o público espectador – seus eleitores em potencial – e não o candidato à sua frente, uma vez que dificilmente irá convencê-lo ou persuadi-lo de suas teses. Nessa confrontação, convergem a defesa de suas próprias teses e a refutação das teses adversárias. Para motivar essa confrontação, são colocadas perguntas de jornalistas e da população acerca de temas de interesse nacional.

Nessa abordagem dialogal, confluem o enunciativo e o interacional, de modo que a noção de diálogo deve aqui ser entendida a partir de dois princípios: a) o diálogo face-a-face, no qual os interlocutores estão implicados em um mesmo tempo e espaço debatendo sobre um tema discutível; b) o diálogo das vozes presentes no discurso de um só locutor, apontando para a polifonia e para a interdiscursividade, que permitem analisar a costura das vozes sociais – explicitadas ou não – quando o locutor toma a palavra. Em síntese, “falaremos de ‘modelo dialogal’ da argumentação para cobrir, ao mesmo tempo, o dialogal propriamente dito, o polifônico e o intertextual, a fim de insistir em um aspecto fundamental da argumentação, o da articulação de dois discursos contraditórios.” (PLANTIN, 2008, p. 66).

A noção de pergunta argumentativa tem aqui papel central: ela permite mostrar esquematicamente como se distribuem os papéis argumentativos. Esses papéis associam-se a três atos fundamentais: a) propor, b) opor e c) duvidar. Portanto, aquele que propõe uma primeira resposta à pergunta argumentativa é chamado de Proponente; aquele que propõe uma contrarresposta à proposição é chamado Oponente; aquele que não se alinha nem à proposição (do Proponente) nem à oposição (do Oponente) é chamado de Terceiro.

Os papéis do Proponente e do Oponente são bem definidos: enquanto o Proponente apresenta, num primeiro momento, argumentos a favor de sua tese (Arg 1), o Oponente, em seguida, deve apresentar não só as razões pelas quais os argumentos do Proponente são insustentáveis (Refutação Arg 1), mas contra-argumentar em favor de outra posição, que é a sua (Arg 2). Assim, temos o seguinte esquema:

Pergunta _(P)	→ Arg 1 _(P)	→ Conclusão _(Resposta de P à pergunta argumentativa)
	→ Refutação Arg 1 _(P) + Arg 2 _(O)	→ Conclusão _(Resposta de O à pergunta argumentativa)

Fonte: Mazzola (2021, p. 183).

Vemos que a conclusão do Proponente é diferente daquela do Oponente. O papel de Terceiro constitui-se da dúvida, da desconfiança e do distanciamento de ambas as posições. Essa dúvida, como vimos, leva os interlocutores a apresentarem suas razões. Assim, a argumentação surge como um modo de gestão das diferenças, uma vez que os seres humanos não raciocinam da mesma forma. Essas razões, associadas a tipos de argumentos, são frequentemente equipadas de figuras de linguagem, que lhes intensificam a eficácia.

No debate pré-eleitoral televisionado, realizado pela RedeTv, objeto deste estudo, o papel de Terceiro é ocupado ora por jornalistas que colocam as questões aos candidatos, ora pela população que grava suas perguntas para que os candidatos debatam. Tanto as questões postas por jornalistas como as questões enviadas pela população são, em sua maioria, questões associadas aos grandes temas de interesse público e governamental, como educação, saúde, segurança pública, economia, empregos, etc. Em torno dessas questões centrais os candidatos se posicionam nos papéis ora de Proponentes ora de Oponentes face à pergunta argumentativa.

5 Mutações do discurso político: o espetáculo digital

É preciso destacar que os debates televisionados pré-eleitorais de 2018 realizados pelas cinco grandes emissoras de tevê brasileira (Band, RedeTV, Record, Sbt e Globo) apresentaram uma natureza híbrida. De um lado, apesar do crescimento da influência das plataformas digitais e das redes sociais conectadas sobre as decisões de voto, o debate em emissoras de tevê ainda ocupava um espaço de relativa importância, uma vez que, nesse espaço, viu-se a construção da democracia brasileira desde as primeiras eleições diretas, a partir da Constituição de 1988. De outro lado, esses debates já não eram como estávamos acostumados, uma vez que eram vistos ao mesmo tempo por telespectadores e por internautas: sua transmissão acontecia simultaneamente por meio dos aparelhos de tevê e dos aparelhos de comunicação e informação conectados à rede

(como *notebooks*, *tablets* e *smartphones*), sofrendo forte influência do público digital. Observamos, nesses debates, não só a saudação aos telespectadores, mas também aos internautas das plataformas digitais associadas a esses canais de tevê.

Logo no início do debate da RedeTV, por exemplo, a jornalista Mariana Godoy, que junto de Boris Casoy e Amanda Klein faz a mediação desse espetáculo político híbrido, declara que “Este é o maior debate multiplataforma do Brasil. Temos transmissão simultânea pela página da RedeTV no Facebook, pelo canal do Youtube, nosso perfil o Twitter, pelo Uol e no portal da RedeTV. Você pode acompanhar ao vivo este debate de qualquer lugar do mundo”. (REDETV, 2018). Em seguida, Boris Casoy complementa:

A RedeTV montou uma redação digital, onde nossos parceiros do Youtube, Facebook e Twitter vão participar e receber manifestações dos nossos internautas. Você que acompanha nossa transmissão pelas redes sociais terá acesso em tempo real a dados de como o público está reagindo ao debate. (REDETV, 2018.)

O debate político chega às redes sociais, e parece ser um caminho sem volta. Antes disso, a espetacularização do debate político já era conhecida e bastante estudada. O debate político pré-eleitoral não se caracteriza apenas como um fenômeno do campo político, mas sobretudo do campo midiático, particularmente do espetáculo midiático, e por isso a peça chave desse espetáculo é o espectador. Isso ocorre desde a popularização da imprensa, do rádio e da tevê no Brasil e no mundo.

Jean-Jacques Courtine, pesquisador francês dos discursos políticos desde os anos 1960, alerta para a influência da emergência e da popularização dos meios de comunicação de massa na mutação dos discursos políticos contemporâneos. Em *Glissements du spectacle politique*, Courtine (1990) apresenta-nos cinco fatores da fala pública que foram acentuados com a emergência e popularização das tecnologias de comunicação de massa: a) o declínio dos monólogos; b) a conversação-espetáculo: *life-style politics*; c) a dispersão das multidões; d) a pacificação do corpo e bemolização da voz; e) teatro político, violência simbólica. Comentaremos brevemente cada um deles, pois a partir desses cinco fatores compreenderemos melhor a relação entre fala pública e espetacularização.

i. O declínio dos monólogos. Para Courtine (1990), o descrédito dos cidadãos com relação aos discursos políticos desenvolveu-se, na França, a partir de 1970, com a crítica antitotalitária das “línguas de madeira” (*langues de bois*) e estendeu-se ao longo dos anos 1980 a toda forma longa e monológica de fala pública. Observa-se, pois, uma transformação da “língua de madeira” para a “língua de vento”. A língua de madeira representa toda fala pública que se constitui de formas longas, monológicas, períodos longos, arcaísmos, ambiguidades, formas opacas, alusivas e mentirosas. A língua de vento, por outro lado, contém as formas breves, fórmulas, pequenas frases, retórica despojada, sintaxe liminar (de início de frase, introdutório).

ii. A conversação-espetáculo: Nos vinte anos tratados por Courtine, ocorre a emergência, desenvolvimento e triunfo do gênero de conversação em política, isto é, o diálogo na fala política, a conversa com o eleitor. É o triunfo do *talk-show*. E a isso, soma-se a transformação do homem privado em personagem público. Para Courtine (1990, p. 155, trad. nossa), “a fala pública consiste de certo em sustentar os balanços e traçar os programas, mas também consiste em murmurar seus gostos literários ou culinários a um jornalista biógrafo sob o tom da confidência. Seja você mesmo.”¹ A partir da metade dos anos 1970, a fala política invade cada vez mais a tela da tevê, e a política “se banaliza em pequenas coisas cotidianas, enuncia-se em propósitos ordinários, dissemina-se em traços ínfimos da fisionomia.”² (COURTINE, 1990, p. 155, trad. nossa). Aliada a todo o conteúdo, está a imagem, agora (re)transmitida pelos aparelhos de tevê presentes nas salas de estar das famílias americanas.

iii. A dispersão das multidões. Trata-se das diferenças entre o orador tradicional e do orador que deve se pronunciar a partir das tecnologias de comunicação de massa. O orador antigo estava em contato com cada um, quando todos estavam juntos. Era a multidão, situação clássica de *foule politique*. Hoje, as multidões não se deixam mais convocar para as cenas políticas, mas sim para as cenas esportivas. A dissolução da multidão política é contemporânea das tecnologias de comunicação de massa. Antes, escutávamos o orador político; agora, o vemos.

¹ “la parole publique consiste certes à dresser des bilans et tracer des programmes, mais aussi à murmurer ses goûts littéraires ou culinaires à un journaliste biographe sur le ton de la confidence. Be yourself.”

² “se banalise dans les petites choses quotidiennes, s’énonce dans les propos ordinaires, se dissémine dans les traits infimes de la physiologie.”

iv. Pacificação do corpo e bemolização da voz. A impostação da voz certamente sofreu alterações ao longo da popularização das tecnologias de comunicação de massa. “É verdade isto sobre a voz, cujas tonalidades foram espetacularmente adocicadas desde o tempo em que Jaurès podia, sem microfone, fazer-se ouvir por milhares de espectadores. A voz era ela própria um espetáculo.”³ (COURTINE, 1990, p. 158, trad. nossa). A voz foi “adocicada” em função dos processos de captação, amplificação e transmissão do som (microfones): “as manifestações vocais do discurso político entraram na era dos sussurros.”⁴ (COURTINE, 1990, p. 159, trad. nossa).

v. Teatro político, violência simbólica. Como balanço do que foi dito, Courtine (1990, p. 163, trad. nossa) afirma que “é preciso portanto parar simultaneamente de diabolizar e de beatificar a televisão, e refletir sobre a produção, a circulação e a apropriação das imagens.”⁵ As tecnologias audiovisuais modificaram o discurso político, objeto privilegiado da retórica e da análise de discursos.

Na era das redes sociais, portanto, todas essas características observadas a partir da popularização dos meios de comunicação de massa se amplificam e, por vezes, ganham novos contornos. Se ouvíamos calados, de nossas casas, um candidato discursar na tevê, nos anos 1970, 80 e 90, agora podemos reagir imediatamente, por meio de comentários no Facebook, no Youtube, no Twitter, no Instagram. O candidato (orador) é recolado diante das reações do auditório... mas ainda de modo mediado.

6 Contornos do debate pré-eleitoral de 2018

O primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 ocorreu em 7 de outubro desse ano. Os candidatos eram Álvaro Dias (PODEMOS), Cabo Daciolo (PATRIOTA), Ciro Gomes (PDT), Fernando Haddad (PT), Geraldo Alckmin (PSDB), Guilherme Boulos (PSOL), Henrique Meirelles (MDB), Jair Bolsonaro (PSL), João Amoêdo (NOVO), João

³ “C’est vrai encore de la voix, dont les tonalités se sont spectaculairement adoucies depuis le temps où Jaurès pouvait, sans micro, se faire entendre de milliers de spectateurs. La voix était à elle seule un spectacle.”

⁴ “les manifestations vocales du discours politique sont entrées dans l’ère des chuchotements.”

⁵ “il faut donc cesser tout à la fois de diaboliser et de béatifier la télévision, réfléchir sur la production, la circulation et l’appropriation des images.”

Goulart Filho (PPL), José Maria Eymael (DC), Marina Silva (REDE) e Vera Lúcia (PSTU). Como nenhum candidato obteve mais de 50% dos votos válidos nessa primeira fase, ocorreu o segundo turno em 28 de outubro de 2018. Essa segunda fase foi disputada por Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL).

Durante a corrida presidencial, ocorreram cinco debates televisionados, realizados por cinco grandes emissoras brasileiras nos meses de agosto a outubro desse ano. Vejamos o quadro 1.

Quadro 1 - Informações sobre os debates pré-eleitorais televisionados de 2018

Data	Emissora	Candidatos	Link
09/ago/2018	Band	Álvaro Dias, Cabo Daciolo, Geraldo Alckmin, Marina Silva, Jair Bolsonaro, Guilherme Boulos, Henrique Meirelles, Ciro Gomes, (Lula é vetado pela justiça)	https://bit.ly/3l9heZ
17/ago/2018	RedeTv	Cabo Daciolo, Jair Bolsonaro, Guilherme Boulos, Ciro Gomes, Álvaro Dias, Henrique Meirelles, Geraldo Alckmin, Marina Silva, (Lula é vetado pela justiça)	https://bit.ly/3tQ7oQP
26/set/2018	Sbt	Guilherme Boulos, Ciro Gomes, Cabo Daciolo, Geraldo Alckmin, Álvaro Dias, Marina Silva, Fernando Haddad, Henrique Meirelles (Bolsonaro alega ataque)	https://bit.ly/3dISImA
30/set/2018	Record	Guilherme Boulos, Álvaro Dias, Fernando Haddad, Henrique Meirelles, Geraldo Alckmin, Cabo Daciolo, Ciro Gomes, Marina Silva, (Haddad é escolhido como candidato / Jair Bolsonaro é vítima de facada)	https://bit.ly/3fbCAWM
04/out/2018	Globo	Álvaro Dias, Ciro Gomes, Henrique Meirelles, Guilherme Boulos, Geraldo Alckmin, Marina Silva, Fernando Haddad (Bolsonaro está em recuperação da facada)	https://glo.bo/3siX4k3

Fonte: Elaborado pelos autores.

As análises que apresentaremos neste artigo são parte de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida na Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), intitulada “Retórica, argumentação e discurso: as polêmicas sociais na política e na mídia”⁶. Essa pesquisa mais ampla analisará o funcionamento retórico e argumentativo dos discursos políticos que circularam na corrida presidencial de 2018, considerando três contextos: aquele que engloba os boatos sobre as candidaturas à presidência (ano de 2017), os debates políticos que antecederam as eleições (ano de 2018) e o período de um ano de governo do candidato eleito (ano de 2019). O Projeto mais amplo prevê a análise de recortes dos cinco debates pré-eleitorais televisionados de 2018, a ser realizada ao longo dos três anos de vigência do Projeto. Para o trabalho que se segue, apresentaremos os resultados de pesquisa de um desses debates políticos que antecederam as eleições (2018).

Para esse fim, selecionaremos alguns recortes do debate da emissora RedeTv, realizado em 17 de agosto de 2018. Esse foi o segundo debate televisionado dessa corrida presidencial. Os apresentadores e mediadores desse debate eram Boris Casoy, Mariana Godoy e Amanda Klein. Os candidatos presentes eram Cabo Daciolo (PATRIOTA), Jair Bolsonaro (PSL), Guilherme Boulos (PSOL), Ciro Gomes (PDT), Álvaro Dias (PODEMOS), Henrique Meirelles (MDB), Geraldo Alckmin (PSDB) e Marina Silva (REDE).

A apresentadora Amanda Klein, na abertura do debate, esclarece que “após a justiça negar a participação do candidato do Partido dos Trabalhadores no debate, o nono púlpito foi retirado por decisão da maioria das candidaturas, a única objeção foi do candidato do PSOL Guilherme Boulos.” (REDETV, 2018)⁷.

A apresentadora Mariana Godoy, em seguida, apresenta a ordem do debate, composta por quatro blocos. O primeiro bloco apresentará questões da população, para que os candidatos respondam, e também há o confronto direto entre os candidatos. O segundo bloco é composto de perguntas de jornalistas direcionadas a um candidato, com comentários de um segundo candidato. O terceiro bloco apresenta novamente confronto direto entre os candidatos. O quarto bloco, por fim, apresenta as considerações finais.

⁶ Para informações sobre os outros resultados do projeto, cf. Mazzola (2021) e <renanmazzola.blogspot.com>.

⁷ Luís Inácio Lula da Silva estava impedido pela justiça de participar de debates.

Elegemos recortes da primeira parte do debate da RedeTv para nossas análises, em que uma pergunta é gravada ou enviada pela população para resposta dos candidatos, e em que há também confronto direto entre eles. As figuras de linguagem parecem aparecer mais enfaticamente no início dos debates, em seus exórdios, uma vez que esse momento é crucial para a construção dos *ethè* dos candidatos perante o auditório. No entanto, essa hipótese não se encontra ainda comprovada, foi apenas observada no momento da listagem quantitativa de recursos às figuras no início, no meio e no fim do debate, disponível no diário de pesquisa de um dos autores deste artigo. O diário pesquisa é constituído de anotações de pesquisa, não publicadas, e representa a etapa de coleta de dados e da transcrição de trechos dos cinco debates pré-eleitorais televisionados que possuem potencial de análise retórica e argumentativa (cf. nota 6). Em função dessa observação e do limite espacial previsto para este artigo, a primeira parte foi destacada para análise. As falas selecionadas foram transcritas e estão disponíveis no Anexo deste artigo.

Quadro 2 - Informações sobre os recortes do debate pré-eleitoral da RedeTv a serem analisados

Debate da RedeTv		
Parte	Tempo	Candidato
I	00:10:48	Geraldo Alckmin
I	00:13:52	Jair Bolsonaro
I	00:14:48	Guilherme Boulos
I	00:29:20	Cabo Daciolo
I	00:38:04	Marina Silva
I	00:50:41	Ciro Gomes

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nos recortes das falas de Geraldo Alckmin, Jair Bolsonaro e Guilherme Boulos, os candidatos estão respondendo a uma questão pré-determinada pelos apresentadores do debate: “Por que quer governar o país e o que é preciso mudar para combater a corrupção?” No recorte de Cabo Daciolo, o candidato está respondendo a uma pergunta gravada pela população: “Eu queria saber quando que eu vou ter direito de ir e vir, quando acaba o medo de sair de casa, de poder andar na rua livremente sem medo de assaltos ou questão de tráfico, milícia.” Nos recortes de Marina Silva

e Ciro Gomes, eles estão em confronto direto com os candidatos Álvaro Dias e Geraldo Alckmin, respectivamente, respondendo questões colocadas por estes últimos. A seguir, apresentaremos as análises desses recortes.

7 Análises: as figuras como equipamentos de persuasão

Boris Casoy anuncia: “É a vez de Geraldo Alckmin responder por que quer governar o país e o que é preciso mudar para combater a corrupção. 45 segundos, candidato.” Vejamos a reposta de Alckmin:

(1)(00:10:48) GERALDO ALCKMIN: Quero cumprimentar a equipe da RedeTv, cumprimentar aqui a candidata e os candidatos, a você que nos assiste, e dizer que o Brasil tem pressa. Quero ser presidente da república para no dia 1º de janeiro apresentar as reformas, retomar a atividade econômica, estamos hoje com 27 milhões de pessoas sem emprego. É possível sim recuperar a economia rapidamente. Em relação ao combate à corrupção: tolerância zero. Reforma política, para poder melhorar o ambiente político, tipificar no código penal o enriquecimento ilícito e estabelecer a inversão do ônus da prova para parlamentares, agentes públicos (...).

Alckmin é muito conhecido do cenário político brasileiro. Sempre comedido, com uma fala pausada, bem articulada e imponente. Sua voz⁸ permanece inalterada, monotonal. Ele faz o tipo equilibrado, alinhado. Mesmo com poucos fios de cabelo, estes são cuidadosamente penteados para trás, rente ao couro cabeludo. Seu *éthos* é de “bom burguês”, de terno, fala mansa e uma roupagem tipicamente Tucana alinhada com sua posição “admirada pelos pobres” diante da própria imponente indumentária e respeitado pelos ricos pelo mesmo motivo. Ele é “fino” e, portanto, portador dos dotes necessários para legitimar sua posição de “reformador”.

No trecho destacado acima, identificamos simultaneamente duas figuras de linguagem que intensificam o sentido do discurso do orador: uma delas remete à personificação e a outra à metonímia. Na sequência *O Brasil tem pressa* visualizamos a manifestação da figura

⁸ Para um estudo mais aprofundado sobre o papel da voz na fala pública, conferir Piovezani (2009) e Courtine e Piovezani (2015).

da personificação (ou prosopopeia). Para Fiorin (2020, p. 51), “nesse tropo há, para lhes intensificar o sentido, um alargamento do alcance semântico dos termos designativos de entes abstratos ou concretos não humanos pela atribuição de traços próprios do ser humano.” O termo *Brasil*, aqui, designa a *pátria*, ente abstrato que apresenta um traço próprio do ser humano: *ter pressa*. Com efeito, é mais forte dizer que o *Brasil tem pressa* do que afirmar que *os brasileiros têm pressa*. Há, naquela construção, uma generalização impactante que não se observa nesta. Dessa forma, constrói-se a humanização da pátria. É por isso que a personificação aqui constitui-se como uma figura de retórica, porque ela intensifica a argumentação.

Pode-se observar também, nessa mesma construção, uma manifestação metonímica. A metonímia atua a partir da contiguidade, quando estendemos os significados dos termos utilizados. Quando dizemos que “As telas invadem a educação”, entendemos “telas” não apenas como parte de um dispositivo eletrônico, mas à internet como um todo. Estendemos o significado de “tela” a toda uma forma de vida ligada à “internet” de que ela é parte. A metonímia, assim como a metáfora, pode ser visual ou verbal. As verbais constituem-se a) das metonímias propriamente ditas, fruto do uso não previsto de termos lexicais e da criatividade da linguagem; b) da sinédoque, que é uma especialização da metonímia, e trata das manifestações da parte pelo todo (por exemplo, *as velas chegaram à baía todas juntas*); c) da antonomásia, ainda uma especialização das sinédoques, que manifestam os usos dos nomes próprios pela obra (por exemplo, *li Aristóteles*). Para Fiorin (2020, 37), “a metonímia é uma difusão semântica. No eixo da extensão, um valor semântico transfere-se a outro, num espelhamento sêmico. Com isso, no eixo da intensidade, ela dá uma velocidade maior ao sentido, acelerando-o.” Assim, uma sequência verbal extensa, como *os dispositivos eletrônicos móveis que permitem acesso à internet e, por conseguinte, facilitam a comunicação entre os estudantes invadem a educação*, pode ser condensada, sem perda de sentido, em *as telas invadem a educação*.

Se, no eixo da extensão, um valor semântico transfere-se a outro, num espelhamento sêmico, podemos entender *O Brasil* como *Os brasileiros*. Da mesma forma, ocorre uma generalização mais impactante na primeira do que na segunda na medida em que a ideia de totalidade abstrata, contínua e ininterrupta substitui uma totalidade concreta,

descontínua e dispersa estruturada nos indivíduos, ou seja, na união de parcialidades. De acordo com Fiorin (2020, p. 37):

São metonímicas as compatibilidades de causa e efeito (“Ganhar a vida com o suor de seu rosto”), instrumento e autor (“Ele é um bom garfo”), continente e conteúdo (“Tomou um cálice de Porto”), símbolo e aquilo que simboliza (“Ele é a âncora da família”), autor e obra (“Leu os pré-socráticos”), marca e produto (“Comprou um pacote de gilete”), abstrato e concreto (“É preciso respeitar a velhice”; “Ele ficou com os louros”), etc.

O funcionamento metonímico se dá do abstrato ao concreto: É preciso respeitar *a velhice* por É preciso respeitar *os velhos*. Da mesma forma ocorre na sequência que destacamos: *O Brasil* tem pressa por *Os brasileiros* têm pressa.

Boris Casoy, novamente, agradece o candidato e passa a palavra a Jair Bolsonaro, do PSL, para que responda à mesma pergunta: “por que quer ser presidente da república e o que é preciso mudar no combate à corrupção?”

(2) (00:13:52) JAIR BOLSONARO: Quero ser candidato a presidente da república porque o Brasil precisa de um presidente honesto, patriota, que crê em Deus e afaste de vez o fantasma do comunismo. Só há uma maneira de combater a corrupção em nosso Brasil: elegermos um presidente de forma isenta, um presidente que não negocie ministérios e estatais e bancos públicos, porque aí está o foco da corrupção, que tem levado o estado inclusive à sua ineficiência. Por isso não temos saúde, educação e segurança. Exatamente por causa das indicações políticas que têm que deixar de existir no Brasil. Um presidente tem que escolher os melhores para compor o seu time de ministros.

Jair Bolsonaro era, naquele momento, a aposta conservadora. Não propriamente um conservadorismo *stricto sensu*, mas “sem limites”, cujo estilo eivado de “vamos acabar com isso daí na porrada” ganhava cada vez mais a adesão popular. Seu tom é agressivo e sua fala baseia-se no mito da Guerra Fria nunca acabada. O comunismo – como, aliás, ele repete ainda hoje – é seu maior adversário e, criando esse mesmo adversário irreal, ele angaria alguns seguidores que compartilham desse ideário. Longe de ser criticado por isso, ele via aumentar sua adesão justamente

pela insatisfação popular com a demagogia política. A maior força de Bolsonaro é não ser demagogo, ou sê-lo sem arroubos de eloquência artificial. Com um estilo de voz intenso e, por vezes, mobilizando palavras e expressões inadequadas para o ambiente político oficial, ele é lido pela opinião pública como “sincero” e por “dizer o que pensa”.

Na sequência em que o então candidato enumera as qualidades que um presidente deve ter para governar o Brasil, uma delas chama a atenção: *[o Brasil precisa de um presidente que] afaste de vez o fantasma do comunismo*. Se considerarmos que – nas palavras do orador – *o comunismo é um fantasma* que deve ser afastado, identificamos então a figura da metáfora no sintagma *fantasma do comunismo*.

A metáfora leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados, desprezando outros traços semânticos. Por exemplo, na sequência *José é um touro*, identificamos alguns traços semânticos do “touro” se aplicam a “José”, como a força. Ambos compartilham o traço “força”. Trata-se de um processo semântico que age pela similaridade, fazendo com que esse procedimento dê concretude a uma ideia abstrata (*José é um touro; houve uma infecção generalizada de mau-humor; este livro é a bíblia da Economia*). A metáfora, portanto, revela um uso não-previsto de certas expressões da linguagem. As metáforas podem ser visuais ou verbais: as verbais constituem-se a) das metáforas propriamente ditas, fruto do uso não previsto de termos lexicais e da criatividade da linguagem; b) das alegorias, que são textos cuja integralidade constitui-se metaforicamente, como as fábulas, os apólogos e as parábolas; c) das catacreses, que são metáforas lexicalizadas ou cristalizadas, em que não há mais espaço para modificação, como *pé da mesa, braço da cadeira*, etc. Para Fiorin (2020, p. 34), “a metáfora é uma concentração semântica. No eixo da extensão, ela despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem. (...) O que estabelece uma compatibilidade entre os dois sentidos é uma similaridade.” Para Quintana (2003, p. 18), *Os poemas são pássaros que chegam / não se sabe de onde e pousam / no livro que lê*.

Dessa forma, no discurso de Bolsonaro, o *comunismo*, metaforizado em *fantasma*, adquire sentido negativo. Quando analisamos os dois termos, devemos buscar os traços semânticos comuns a *comunismo* e a *fantasma* no discurso do orador, que parecem ser justamente a imagem ou visão quimérica assustadora, que por isso deve ser afastada. Essa diabolização do comunismo como algo a ser evitado/afastado é típica

dos discursos de direita e mais intensamente nas alas de extrema direita, à qual se filia o orador.

Uma outra metáfora utilizada por Bolsonaro é *time de ministros*, em: *Um presidente tem que escolher os melhores para compor o seu time de ministros*. O termo *time* denota um grupo de atletas que participam de uma competição em conjunto, e assim deve se comportar o conjunto dos ministros. Essa metáfora aparece no quadro da argumentação fundada no lugar da qualidade. Para Ferreira (2015, p. 71), “esse lugar retórico é muito comum nas propagandas, pois consiste na afirmação de que algo se impõe sobre os demais de sua espécie por ter mais qualidade, porque é único ou raro, original.” Na sequência analisada, enuncia-se que esse *time* deve ser composto pelos *melhores*. A aposta de Bolsonaro nos ministérios técnicos e no *time dos melhores* observou grande eficácia na atração de novos eleitores naquele momento. Essa promessa acabou não se concretizando após sua vitória nas eleições.

Em seguida, a jornalista Mariana Godoy passa a palavra a Guilherme Boulos que, como os demais, deve responder à pergunta sobre as razões de ser candidato à presidência e o que mudaria no combate à corrupção:

(3)(00:14:48) GUILHERME BOULOS: Boa noite Mariana, boa noite Boris, boa noite Amanda, boa noite a todos os candidatos e boa noite a você que está em casa. Talvez muitos estejam me vendo pela primeira vez, eu sou candidato a presidente do Brasil porque eu estou indignado como você. Política pra mim não é carreira, é desafio. Eu quero ser presidente pra enfrentar os privilégios, porque o Brasil é como se fosse uma corrida de cem metros, que alguns começam sessenta metros na frente. Não dá mais pra ser assim. Eu quero ser presidente pra acabar com a esculhambação que virou esse sistema político e o toma lá dá cá. E eu quero ser presidente pra tirar o Brasil da crise. Hoje eu vou apresentar propostas concretas de como nós vamos fazer isso. Propostas de quem tem coragem para mudar o Brasil.

Guilherme Boulos é talvez o maior representante dos ideais de esquerda hoje no Brasil. Nem tanto por sua popularidade – que ainda está à sombra de Lula –, mas pela coerência de suas posições. Podemos não concordar com o que ele diz, mas ele é o candidato que mais se aproxima de uma articulação entre a teoria e a prática no campo progressista. Mora

no Campo Limpo, anda de Celta e vai no chão das ocupações almoçar. Nem Lula faz isso, diga-se de passagem. É, no entanto, um novato. E sobre ele ainda pousam muitos estereótipos. Ainda será lapidado pela experiência e sua postura e imagem deixam isso claro quando ele se dirige à população, nos debates televisionados de 2018: “Talvez muitos estejam me vendo pela primeira vez [...]”. Sem o tom refinado da indumentária psdbista, apresenta-se sempre “com a melhor roupa que um popular pode ter”, ou seja, camisa social e calça jeans, na grande maioria das vezes. Sua voz é mais intensa, menos moderada que a de Alckmin, mas mais republicana que a de Bolsonaro. Ele não fala palavrões, por exemplo, mas também não tem a elegância de Alckmin.

Guilherme Boulos, na sequência destacada acima, argumenta pela ilustração para que o auditório possa visualizar como funcionam os privilégios no Brasil e por que eles devem ser combatidos. Para Fiorin (2015, p. 188), o argumento por ilustração “serve para reforçar uma tese tida como aceita. Ele figurativiza-a para dar-lhe concretude, para torna-la sensível, para aboná-la”. Dessa forma, ao ilustrar que *o Brasil é como se fosse uma corrida de cem metros, que alguns começam sessenta metros à frente*, tornam-se claros os prejuízos que os privilégios podem causar.

Nesse tipo de argumento por ilustração, atua muito fortemente a figura da comparação. Na comparação, diferentemente da metáfora, existe um operador argumentativo “como”, “tal qual”, “tal como”, etc. A metáfora é uma comparação abreviada, e na comparação existe um operador, conforme nos explica Abreu (2009, p. 116, destaques do autor):

A metáfora (do grego *metaphorá* = transporte) é uma comparação abreviada. Se eu digo que *Paulo é valente como um leão*, tenho uma comparação. Se digo, entretanto, que *Paulo é um leão*, abreviando a comparação pela eliminação de *valente como*, tenho uma metáfora. Daí a ideia de TRANSPORTE, do sentido próprio para o sentido figurado.

A sequência enunciada por Boulos compara a injustiça de se largar sessenta metros à frente em uma corrida de cem metros, pois isso daria vantagem àqueles à frente e provocaria prejuízos para aqueles atrás. Assim seria também com os privilégios no Brasil, e por isso essa comparação no interior da ilustração funciona na argumentação.

A partir desse momento, no debate, os candidatos deverão responder a perguntas gravadas pela população. Felipe Rodrigues, que na imagem parece ser um transeunte abordado por um repórter da

RedeTV, elabora a seguinte questão: “(00:29:02) FELIPE RODRIGUES (População): Eu queria saber quando que eu vou ter direito de ir e vir, quando acaba o medo de sair de casa, de poder andar na rua livremente sem medo de assaltos ou questão de tráfico, milícia.” O candidato que deverá responder a essa questão é Cabo Daciolo.

- (4) (00:29:20) CABO DACIOLO: Dia 1º de janeiro de 2019 nós vamos estar com Cabo Daciolo sentado na cadeira de presidência da república e você vai poder andar em paz pelo Brasil. Nós vamos valorizar os profissionais da segurança pública, vamos unir o povo civil do povo militar, vamos cuidar da nossa fronteira, vamos trabalhar em cima de prevenção. Toda essa guerra civil que nós estamos vivendo em nosso país hoje é proposital. As armas já chegaram, o momento agora é parar as munições. E é simples parar as munições. O problema é que as nossas rodovias estão todas desguarnecidas. Nós deveríamos ter 15 mil é, policiais federais. Hoje nós estamos apenas com 8 mil. Nas fronteiras nós não temos nem sequer 11 mil militares da segurança pública, das forças armadas cuidando de nossas fronteiras. Por lá entram as drogas, por lá entra o armamento, mas quem é que lucra com isso e quem quer isso? O poder, os políticos, eles lucram com isso. A Rocinha tem um lucro semanal de 10 milhões, tem sempre um engratado por trás disso. Nós vamos trazer a paz [...].

Cabo Daciolo está mais para uma voz religiosa na política do que para um orador político *stricto sensu*. Com *éthos* de pregador, por vezes com a Bíblia Sagrada à mostra, coloca, ao longo de seu discurso, uma sucessão de perguntas retóricas, tal como ocorre em pregações evangélicas: “Quem é que ganha com isso?”. Essas perguntas retóricas lembram a pregação pastoral: “Amém pessoal?”; “Sim ou não?”. De todo modo, ele encarna a voz que defende a segurança pública, a defesa dos policiais e a classe policial. Seu porte atlético, oriundo de sua carreira como bombeiro militar, reforça os efeitos dessa posição.

Destacamos, em seu discurso, ao afirmar que pelas rodovias e pelas fronteiras *entram as drogas*, um funcionamento figurativo interessante. O funcionamento do verbo *entrar*, tal como se apresenta em *entram as drogas* ou em *entra o armamento*, faz parte de um uso metafórico cotidiano tão sutil que quase passa despercebido. A rigor,

entrar implica ou um agente animado executor – aquele que faz entrar – ou uma ação automática natural pela qual algo se desloca do exterior para o interior. Nesse caso, a metáfora elimina do processo de entrada o agente e coloca em seu lugar um ser inanimado que não exerce, por natureza, o movimento de *entrar*. O armamento ou as drogas, de fato, não entram simplesmente, mas são inseridos, são contrabandeados, são deslocadas de fora para dentro por um agente. A metáfora, aí, tira de cena a figura do traficante/contrabandista. É essa mesma figura ausente que se dilui na metonímia inscrita em *Rocinha*. Ao dizer isso, a tomada do todo pela parte – *Rocinha* por líderes do tráfico –, produz uma generalização quanto aos beneficiários da arrecadação com a venda de entorpecentes. Com efeito, não é a *Rocinha*, mas uma parte dela que lucra 10 milhões.

Destacamos, ainda, duas expressões também metonímicas: *O poder* e *um engravatado*. Vimos que a metonímia atua por contiguidade. Assim como *O Brasil* no discurso de Geraldo Alckmin representava *os brasileiros*, aqui também *O poder* representa *os políticos*. Daciolo chega a enunciar, na sequência, os elementos de expansão semântica do termo *poder*: *quem é que lucra com isso e quem quer isso? O poder, os políticos, eles lucram com isso*. Identifica-se aqui uma compatibilidade entre o abstrato (*poder*) e o concreto (*políticos*) na sequência analisada.

Em seguida, para apontar quem estaria por trás do lucro semanal de 10 milhões da rocinha, o candidato afirma: *Tem sempre um engravatado por trás disso*. Um *engravatado* indica por economia *homem engravatado* e faz referência à gravata exigida nos trajes de políticos. O acessório que é parte da vestimenta representa toda uma profissão. Por isso, observa-se o tropo: tem-se a compatibilidade entre símbolo (*gravata*) e aquilo que simboliza (*político*). O recurso a essa figura equipa seu discurso ao promover uma acusação direta sobre os responsáveis pela entrada de drogas, armamentos e munições nas fronteiras brasileiras.

Transportemo-nos agora para um outro momento do debate: o dos confrontos diretos. Aqui, cada candidato vai escolher um adversário para responder à sua pergunta e ambos se dirigem ao centro do estúdio. A ordem das perguntas foi definida em sorteio, e cada candidato só poderá perguntar e responder uma vez. O candidato Álvaro Dias escolhe a candidata Marina Silva para colocar a pergunta. Essa confrontação é a segunda dessa parte.

Após Álvaro Dias e Marina Silva se posicionarem no centro do estúdio, Dias retoma a retirada do púlpito vazio destinado a Luís Inácio Lula da Silva, defendendo a impossibilidade dessa candidatura. Cada

candidato possui dois turnos de fala, e esse é o segundo turno de Marina comentando esse tópico.

(5)(00:38:04) MARINA SILVA: Estamos inteiramente comprometidos com o combate à corrupção. Pra isso, vamos fortalecer os órgãos de controle, blindando esses órgãos das indicações políticas, da politicagem. Vamos acabar com o foro privilegiado. Vamos criar um sistema que faça com que aqueles que vão ser indicados para função pública tenham ficha limpa. O Brasil não pode continuar refém de um sistema corrupto e corruptor que se alimenta dia e noite do dinheiro que era pra ir pra saúde, pra educação, pra segurança pública, pra infraestrutura e que é usado para enriquecimento ilícito e projeto de poder pelo poder.

Marina apresenta uma imagem austera, com propostas claras direcionadas à corrupção. Não possui, no entanto, uma identidade política muito claramente definida. Por vezes, é a voz que apoia a proteção do meio ambiente; por vezes, apresenta-se engajada no combate à corrupção; por vezes, manifesta em seu discurso um *éthos* de religiosa. Não promove adesão dos ricos nem dos pobres. Situa-se a meio caminho entre uma coisa e outra e, não raro, sua imagem – o cabelo rente ao couro cabeludo e hermeticamente preso, a voz baixa e sem imponência – é significada como “frágil” (cf. reportagem do jornal *O Globo* que traz essa significação com a seguinte manchete: *Marina Silva muda imagem para se livrar do rótulo de frágil*⁹).

Em seu discurso, no entanto, a oradora se utiliza de variadas figuras para intensificar/equipar seus argumentos. Aqui, um conjunto de metáforas configura a ideia de proteção, de preservação das instituições brasileiras. O primeiro impacto vem da metáfora da *blindagem*. De fato, blindagem é uma prática atinente ao mundo físico, ao mundo natural. Trata-se do revestimento de objetos da vida prática como carros, navios, guaritas de prédio, janelas e afins. Não existe blindagem de instituições, pois estas são construções abstratas. Obviamente, instituições costumam-se situar no espaço e no tempo, mas a instituição, em si, não é o prédio ou as salas em que as pessoas trabalham, mas o ideal abstrato que regula

⁹ Disponível em: <https://glo.bo/3rQTrEK>. Acesso em: 10 dez. 2021.

o funcionamento de cada ação no âmbito sócio-político-jurídico. A existência de um CNPJ independe do espaço físico em que esse mesmo identificador poderia estar situado. Assim, ao usar o termo *blindando*, para se referir a medidas de controle e proteção contra a *politicagem*, a oradora cria uma ideia de super proteção. Não é, simplesmente, “criar mecanismos contra a corrupção”, mas *blindar*, isto é, tornar impenetrável, hermético. A isso, complementa-se com a metonímia da *ficha* – que nada mais é que a vida institucional de uma pessoa pública – e metáfora da *limpeza* – aqui, *limpo*, está no campo da moral e não no do mundo físico em que algo estaria destituído de dejetos ou poeira. Sob essa ótica, *blindagem* e *ficha limpa* nada mais são do que figuras para indicar o ideal de combate à corrupção preconizado pela candidata.

Segue-se a isso uma metáfora que dá concretude à situação do Brasil, segundo o discurso de Marina Silva: *ser refém*. Ao colocar o Brasil na situação de *refém*, constrói-se a necessidade de ele ter que se libertar dessa situação: *O Brasil não pode continuar refém de um sistema corrupto e corruptor que se alimenta dia e noite do dinheiro que era pra ir pra saúde, pra educação, pra segurança pública, pra infraestrutura (...)*. O Brasil, então, encontra-se em situação de sequestro, com arma na cabeça. O agente desse sequestro seria o sistema corrupto e corruptor que desvia o dinheiro da saúde, da educação, da segurança pública e da infraestrutura, e por isso o faz sofrer. A enumeração de procedimentos complexos de combate à corrupção poderia desviar a atenção auditório. ou provocar seu desinteresse pelo uso de jargões políticos, mas no movimento contrário Marina busca na metáfora a concretude esperada.

Atua nessa sequência também a personificação (prosopopeia), uma vez que *ser refém* é uma condição de seres humanos. O país (*o Brasil*) é colocado na posição de *refém*. Como isso poderia ser possível? Novamente, há uma impertinência semântica que passa a ser pertinente no discurso de Marina, contribuindo para a concretude do significado do sofrimento do país perante a corrupção.

Por fim, podemos vislumbrar um traço metonímico de compatibilidade de entes abstratos e concretos: *O Brasil* por *Os brasileiros*, pois estes é que sofrem com a corrupção e o sintagma nominal *O Brasil* constrói uma generalização dos brasileiros que sofrem com a corrupção.

Depois desse debate entre Álvaro Dias e Marina Silva, algumas outras duplas debatem no centro do palco, mas poucas metáforas são enunciadas. Encaminhamo-nos agora para o debate entre Geraldo Alckmin

e Ciro Gomes. Alckmin retoma a questão do desemprego, e coloca o setor do agronegócio como o mais estratégico e dinâmico para a recuperação da economia. Alckmin pergunta a Gomes quais os maiores desafios do agronegócio brasileiro. Vejamos a resposta do candidato do PDT:

(6)(00:50:41) CIRO GOMES: O emprego é consequência da ativação de quatro motores: o consumo das famílias, por isso eu tenho uma proposta de resolver o problema do endividamento de 63 milhões no SPC; o investimento empresarial, que está colapsado também por um explosivo endividamento, e logo mais eu vou detalhar; a solução da equação das contas públicas, que estão, como comentamos na pergunta passada, completamente falidas, e eu tenho uma proposta também que vou detalhar; e por fim a celebração de uma política industrial e de comércio exterior, que termine com o genocídio de empresas. O Brasil é o país que mais destrói indústrias no Brasil. Nos últimos três anos, do dismantelo da Dilma pra cá, 13 mil indústrias foram fechadas no nosso país. 4 mil delas em São Paulo. E um dos setores que pode ser ativado é agregar valor na agropecuária brasileira. Nós somos a agricultura e agropecuária mais competitiva do mundo, mas importamos do estrangeiro fertilizantes, defensivo agrícola, importamos a maior parte dos implementos agrícolas, e eu quero fazer uma política industrial que, priorizando o setor agropastoril, verticaliza a produção industrial deles.

Ciro Gomes apresenta-se como a voz da sensatez, cujo discurso apoia-se em argumentos de natureza econômica, baseados em porcentagens, cifras e números. É a aliança mais bem acabada do economista acadêmico com o político. Apresenta um *éthos* tecnocrata, de fala rebuscada, com jargões do mundo econômico que o “povo não entende”. Essa talvez seja a tônica de como sua imagem é construída: aquele que fala o que o povo não entende. Seu rigor técnico é visto como antipático, e seu conhecimento é lido, em um país com uma parcela significativa de analfabetos funcionais, como confusão. Tem contra si uma série de declarações infelizes às quais responde até hoje no campo político, como o comentário machista que fez sobre sua então esposa, a atriz Patrícia Pillar. Defende, com voz imponente e bom uso de dados estatísticos, ideias de centro-esquerda apoiados em uma proposta explícita de desenvolvimento: o *Plano Nacional de Desenvolvimento*.

Iniciemos pela sequência *O emprego é consequência da ativação de quatro motores*, na qual o orador Ciro Gomes fornece a fórmula para a criação de empregos. Jensen (1975 *apud* ABREU, 2009) propõe uma

classificação das metáforas em cinco grupos: 1. metáforas de restauração; 2. metáforas de percurso; 3. metáforas de unificação; 4. metáforas criativas; 5. metáforas naturais. O trecho destacado acima parece remeter às metáforas de restauração. Para Abreu (2009, p. 117), “as metáforas de restauração partem do princípio de que algo sofreu algum tipo de avaria e há necessidade de reparação.” Ao dizer que *O emprego é consequência da ativação de quatro motores*, observamos uma impertinência semântica, que passa a ser pertinente, daí a metáfora. A similaridade entre colocar em funcionamento um motor e gerar empregos, ambos dependem de algumas condições. Trata-se da manifestação do raciocínio por analogia.

Segundo Ciro Gomes, para gerar emprego é preciso a) estimular o consumo das famílias, b) investir no setor empresarial, c) solucionar a equação das contas públicas e d) celebrar uma política industrial e de comércio exterior. Todos esses quatro fatores, para o orador, estão colapsados. Por isso a pertinência de se pensar na utilização das metáforas de restauração e, particularmente, as de “conserto”: “A metáfora de conserto sugere que algo se estragou e precisa ser consertado.” (ABREU, 2009, p. 119).

A argumentação se dá pela consequência (*argumentum ad consequentiam*). Para Fiorin (2015, p. 165), “no caso dos argumentos pragmáticos ou por consequência, defende-se uma dada ação, levando em conta os efeitos que ela produz.” Os efeitos podem ser positivos ou negativos, dependendo do interesse argumentativo do orador. Vejamos o que nos dizem Perelman e Tyteca (2014, p. 308) a esse respeito:

Conforme se conceba a sucessão causal, sob o aspecto da relação ‘fato-consequência’ ou ‘meio-fim’, a ênfase será dada ora ao primeiro, ora ao segundo dos dois termos: se se quer minimizar um efeito, basta apresenta-lo como uma consequência; se se quer aumentar-lhe a importância, cumpre apresenta-lo como um fim.

Dessa forma, podemos observar na argumentação de Ciro Gomes quatro aspectos (metaforizados como *quatro motores*) que teriam como consequência (como *efeitos*) a geração de empregos: 1) estimular o consumo das famílias, 2) investir no setor empresarial, 3) solucionar a equação das contas públicas e 4) celebrar uma política industrial e de comércio exterior.

Nessa argumentação, o *argumentum ad consequentiam* é equipado com a ferramenta de uma figura de linguagem. Assim, o argumento ganha força na medida em que se afasta do tom tecnocrata para aproximar-se do tom didático, que tem o potencial de atingir um

auditório mais amplo do que a opção *o emprego é consequência de quatro procedimentos*, por exemplo.

O orador Ciro Gomes apresenta um *éthos* de portador de uma racionalidade econômica e proponente de um projeto concreto de nacional-desenvolvimentismo (o PND). Para dar fidedignidade às suas ideias, ele costuma explorar com vigor a situação econômica do país e a *saúde das empresas*. Um país só pode ser economicamente sustentável se suas empresas forem sólidas e perenes. A abertura e fechamento constante de empresas é um sinal de que a economia do país vai mal. Para registrar essa ideia, há também um grupo de três metáforas que se complementam em uma relação de denúncia e louvor. Inicialmente, a metáfora do *genocídio de empresas* complementa-se como denúncia pela construção *O Brasil destrói indústrias*. O termo *genocídio*, aqui, desloca-se do plano do *animado* para o *inanimado*. Com efeito, genocídio é uma prática de extermínio, primordialmente, de seres humanos. O deslocamento produzido pelo orador enfatiza a importância da indústria vinculando as condições de vida humana ao desenvolvimento econômico. Assim, não criar um ambiente propício à manutenção e ao desenvolvimento das indústrias é genocídio na medida em que o impacto sobre as instituições produtivas elimina a possibilidade de boa qualidade de vida para as pessoas. O Brasil, nesse sentido, ao ser um *destruidor de indústria (o país que mais destrói indústrias)*, destrói não apenas as indústrias, mas a vida das pessoas que trabalham. Por outro lado, o candidato não deixa de louvar um setor da atividade econômica que mantém a economia nacional. Isso se dá pela generalização – como se observou em *Rocinha*, destacado anteriormente – pessoal. A metonímia do *nós* – todo pela parte – generaliza o pertencimento de um setor da economia para todo o país quando, na verdade, não somos *nós a agricultura e a agropecuária mais competitiva do mundo*, mas uma parcela de brasileiros muito específica que detém a produção agrícola nacional.

8 Considerações finais

A partir da análise feita, é possível concluir que as figuras mobilizadas por cada um dos oradores instruem o auditório quanto ao perfil argumentativo de cada candidato. Alguns argumentos são inespecíficos. Dos que dão uma resposta ao porquê de quererem ser candidatos e também ao como combater a corrupção, poucos são claros em apresentar como pretendem fazer isso. Os argumentos apresentam forte conotação moral, o que nos leva a crer que há uma presunção de

que o auditório a ser convencido é pouco instruído e está mais voltado a votar com a emoção do que com a razão.

Todos os oradores trabalham com o *topos* da mudança “Agradável é a mudança em tudo” (EURÍPEDES, apud ARISTÓTELES, *Retórica*, I, 11, 1371a1). No discurso de Alckmin, a mudança apresenta-se sob a tutela da *reforma* (*reforma econômica e reforma política*). A sugestão de uma transformação é apoiada pela metáfora da prensa generalizada: *O Brasil tem prensa*. O orador apela para a ansiedade do auditório a partir do seguinte entimema: *O Brasil precisa mudar > A mudança precisa ser rápida > O Brasil precisa de mim*.

Bolsonaro também argumenta apoiado na mudança. Sua estratégia encaminha-se mais para a moralidade e para a ameaça presumida. Ele não argumenta em favor de alterações nas instituições ou em seu funcionamento, mas primordialmente na substituição do político desonesto pelo honesto, patriota, crente e, principalmente, anticomunista. É nesse último traço que reside a ameaça presumida e também uma das grandes forças de seu argumento: *O Brasil precisa mudar > A mudança é o fim do comunismo > O fim do comunismo sou eu*.

Boulos defende que mudar é combater privilégios. Com isso, ele instaura o lugar-comum de que o Brasil é um país que privilegia os ricos. O argumento dele também tem forte carga moral. Ele seria “o cara” que acabaria com a “esculhambação”. A comparação com a corrida dos cem metros reforça seu argumento de que o mais importante na mudança pela qual o Brasil precisaria passar seria o combate aos privilégios dos mais ricos: *O Brasil precisa mudar > A mudança é o fim dos privilégios > O fim dos privilégios sou eu*.

Daciolo encaminha-se para uma mudança a partir do combate ao tráfico. A mudança começaria por maior investimento na segurança pública. Seu percurso argumentativo consiste em correlacionar corrupção a crime organizado, e este último à ausência de número suficiente de equipamentos e policiais para que estes possam fazer seu trabalho. O lucro da Rocinha e do poder nada mais é do que resultado da ausência de unicidade entre forças de segurança e civis; falta de recursos e contingente para as forças de segurança. O entimema aí é: *O Brasil precisa mudar > Mudar é combater o tráfico > Eu vou combater o tráfico*.

Marina, por sua vez, centraliza a força de seu argumento na blindagem das instituições contra as indicações políticas (*politicagem*). A mudança seria, portanto, desarticular o sistema corrupto e corruptor a partir de dispositivos como a lei da ficha limpa. Nesse sentido, o entimema para o argumento de Marina seria: *O Brasil precisa mudar > Mudar é combater a indicação política > Eu vou impedir a indicação política*.

A mudança preconizada por Ciro Gomes implica uma valorização da produção e do trabalho nacionais. Ele insiste no problema da instauração e manutenção de empresas no Brasil (haveria, no Brasil, um *genocídio de empresas*) e a importância de uma economia nacional forte e valorizada para que o país cresça. Adota, para isso, um tom didático, um ar professoral de quem conhece os problemas e sabe como resolvê-los. Ele “tem um projeto” para resolver o endividamento das famílias, equilibrar a balança comercial e reforçar os setores nacionais da economia. Assim, o entimema poderia ser sistematizado como: *A mudança é o fortalecimento da economia nacional*> *A economia nacional depende das condições de produzir e empreender*> *Tenho um projeto para a economia nacional*.

Dessa forma, procuramos explorar o funcionamento das figuras de retórica no interior da argumentação, demonstrando como elas contribuem para a defesa das teses assumidas e defendidas pelos candidatos no contexto dos debates pré-eleitorais televisionados de 2018.

Contribuição dos Autores

Renan Mazzola: concepção e desenho da pesquisa, obtenção e transcrição de dados, análise e interpretação dos dados, redação e revisão do manuscrito. João Kogawa: desenho e desenvolvimento da pesquisa, análise e interpretação dos dados, compilação dos resultados, redação e revisão do manuscrito.

Referências

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 13^a ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

AMOSSY, R. *Argumentação no discurso*. Coord. Trad. Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2020.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2013.

BARTHES, R. A antiga retórica. In: BARTHES, R. *A aventura semiológica*. Trad. Maria Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 3-100.

COURTINE, J.-J. Les glissements du spectacle politique. *Esprit*, Paris, n. 164, p. 152-164, 1990.

COURTINE, J.-J.; PIOVEZANI, C. (orgs.). *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes dos discursos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2020.

JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. t. 1. Paris: Minuit, 1963.

MAZZOLA, R. Elementos da argumentação polêmica no debate político televisionado: confrontos em torno de temas de interesse público. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 21, v. 2, p. 181-204, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47369/eidea-21-2-3142>. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/3142>. Acesso em: 8 dez. 2021.

PERELMAN, C.; TYTECA, L. O. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 3ª ed. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PIOVEZANI, C. *Verbo, corpo e voz: dispositivos da fala pública e produção da verdade no discurso político*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

PLANTIN, C. *Argumentação*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

QUINTANA, M. *Nariz de vidro*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

REDETV. *Debate presidencial na RedeTv!* Youtube. 17 ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=99SmMo1XqzQ>. Acesso em: 03 ago. 2021.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 30ª ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002.